

PROJETO DE EXTENSÃO DEBATE COM GINGA: UMA INTERLOCUÇÃO SOCIAL

José Olímpio Ferreira Neto¹

RESUMO

Esse ensaio etnográfico tem o objetivo de relatar a experiência do Projeto de Extensão *Debate com Ginga: as multífaces da Capoeira*, desenvolvido pela Associação Sociocultural Viva Capoeira Viva – ASVCV com o Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC. O projeto pode ser compreendido como um espaço de interlocução social, no qual há uma retroalimentação a partir das demandas da sociedade.

*

Introdução

Atualmente, está cada vez mais notória a proximidade entre a Capoeira e o universo acadêmico. Segundo Vieira e Assunção (2009), desde os anos 1980, essa prática cultural se tornou um campo de reflexão acadêmica, nos cursos de pós-graduação, em áreas como Antropologia, História, Sociologia, Ciências da Educação e Educação Física, seja em universidades brasileiras ou em instituições no exterior. Silva (2015) assinala que a Capoeira está inserida em diversos espaços institucionais, de natureza formal ou não, entre esses, podem ser citados clubes sociais, em atividades de lazer ou recreativas; em academias, como prática esportiva ou de manutenção da saúde; em quadras esportivas, centros sociais e salões de instituições religiosas, como atividade remunerada ou voluntária, de cunho social; em escolas públicas e particulares, como atividade esportivo-cultural ou atividade complementar dos currículos; assim como em espaços acadêmicos, ancorada no tripé ensino, pesquisa e extensão.

No Ceará, a Capoeira figura como disciplina em algumas universidades

¹ Mestrando do Programa Associado de Pós-graduação Profissional em Ensino e Formação Docente – IFCE/UNILAB. E-mail: jolimpioneto@hotmail.com

cearenses, a exemplo dos cursos de Educação Física e Pedagogia, pois algumas universidades têm a disciplina no currículo, seja de forma obrigatória ou optativa (ALVES et al., 2019). A Universidade Federal do Ceará – UFC, por exemplo, por meio no Instituto de Educação Física e Esportes – IEFES, passou a adotar, em seu currículo, no curso de Educação Física, a disciplina de Artes Marciais e Capoeira, como disciplina obrigatória, e a disciplina optativa de Ensino da Capoeira. Além disso, oferece um projeto de extensão denominado Debate com Ginga: as multifaces da Capoeira.

Nesse ensaio etnográfico, relato a experiência do Projeto de Extensão *Debate com Ginga: as multifaces da Capoeira*, desenvolvido pela Associação Sociocultural Viva Capoeira Viva – ASVCV com o Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará – IEFES/UFC. Parto da hipótese de que o projeto se coloca como um espaço de interlocução social, no qual há uma retroalimentação a partir das demandas sociais.

Percurso Metodológico

O percurso escolhido para o desenvolvimento desse relato etnográfico, parte de minha imersão pessoal como capoeirista, desde 1992, treinando, estudando, coletando material, viajando, pesquisando e militando em movimentos coletivos para o desenvolvimento e valorização da Capoeira como uma prática cultural do povo e que expressa saberes em conexão com o mundo e em interlocução social. Assim, por meio de registro em caderno de campo, reflexão e análise qualitativa, os dados foram transformados em texto para socialização.

Debate com Ginga: As multifaces da Capoeira

O projeto *Debate com Ginga*, inicialmente, surge em 2011, de uma demanda do professor de Educação Física e Mestre de Capoeira, Luciano Hebert de Lima Silva, integrante do Grupo Capoeira Brasil – GCB. O projeto foi gestado como um clube de leitura, que consistia na escolha de um livro mensalmente, seguido de uma roda de debate sobre a obra. No entanto, foram realizados apenas dois encontros, com essa proposta, no *Reggae Clube*, na Praia de Iracema, em Fortaleza-CE.

Em 2014, o projeto retorna, dessa vez, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – CDMAC, contando com o apoio da instituição para que o espaço fosse apropriado pela comunidade. A nova proposta foi composta de palestras temáticas que contariam com a presença de um ou mais especialistas para breve exposição, seguida de debate com os participantes. Nesse ano, pude participar como colaborador, oportunidade na qual abordei o reconhecimento da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil.

Em novembro de 2016, a partir de uma aproximação entre a professora Luciana Maria Fernandes da Silva, integrante do Grupo Beribazu e professora do curso de Educação Física do IEFES/UFC, e o Mestre Hebert, o Debate com Ginga se torna um projeto de extensão do IEFES/UFC (CASTRO; FERREIRA NETO, 2019). Assim, a partir desse vínculo, em seu segmento palestras, o projeto passa a conferir uma certificação de extensão universitária aos seus participantes.

Em 2018, o projeto ampliou sua atuação e passa a oferecer aulas de Capoeira, para as quais fui convidado para participar na condição de colaborador. Passei a chamar essas aulas de vivências temáticas prático-reflexivas, que são oferecidas para estudantes, servidores e comunidade externa, tendo como local de realização o IEFES/UFC. Em 2019, as vivências temáticas prático-reflexivas também passam a disponibilizar certificado aos seus participantes (CASTRO; FERREIRA NETO, 2019).

Essa faceta do projeto consiste em aulas trabalhadas com elementos práticos da corporeidade, da oralidade e da musicalidade, inerentes à cultura da Capoeira, tentando trazer as reflexões crítico-teóricas no intuito de realizar uma releitura das tradições, sem perder a ligação com o passado, ancestralidade, memórias e identidades que essa manifestação afro-brasileira carrega, além de se conectarem com as demandas sociais.

Uma interlocução com as demandas sociais

Durante o ano de 2019, foram desenvolvidas as seguintes temáticas, no CDMAC: *A Capoeira e os Tesouros Vivos da Cultura: construções coletivas na roda dos saberes; Capoeiras e Pesquisadores – Gingando na academia; As mulheres e as manifestações culturais afro-brasileiras:*

desafios e possibilidades; A intersecção entre os princípios filosóficos dinamizadores das religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras presentes na Capoeira; Praia de Iracema: berço de Capoeiragem; Balbúrdia no dragão: a Capoeira enquanto resistência; A ginga com a diversidade: enfrentamentos à LGBTQfobia na Capoeira; Diálogos acadêmicos com a Capoeira I; Diálogos acadêmicos com a Capoeira II; A ludicidade e a Capoeira: nuances e complexidade no ensino e aprendizado; Capoeira e Consciência Negra; Capoeira e Patrimônio Cultural.

Esses temas estão em consonância como o pensamento de Silva (2015), que propõe diversos assuntos que podem ser tratados em aulas de Capoeira, entre eles, pode-se citar os seguintes: a Capoeira como instrumento de resistência contra opressão ao povo negro; a valorização da Capoeira e a busca da superação dos preconceitos; a identificação de seu valor educativo e para a construção e fortalecimento de identidades etc.

Nesses encontros no CDMAC, várias vozes foram ouvidas, apresentando a diversidade cultural que permeia o universo da Capoeira, estimulando reflexões nas vivências no IEFES/UFC e, possivelmente, em outros espaços. Foram observadas questões aderidas aos temas, tais como, o papel da mulher negra na sociedade; as questões de gênero, as religiões afro-brasileiras, a presença das personagens guerreiras na história dos afrodescendentes e a Lei nº 10.639/03, entre outras que foram pautadas, em meio às apresentações. Kilomba (2019) aponta que a máscara, que Anastácia era obrigada a usar, representa o colonialismo e a boca é um lugar de silenciamento e tortura. Como a boca simboliza a fala, ela se torna o órgão da repressão do racismo. No universo da Capoeira, nas diversas rodas possíveis, a mulher expressa sua presença pelos movimentos corporais e sua voz ecoa pelos ares, possibilitando escapar aos padrões colonizadores.

Os modelos de branquitude colonizadora são esboçados por um patriarcalismo que persiste em manter o domínio das tradições. Não abrem espaço para vozes diversas, silenciam o negro, a mulher, a homossexualidade, ou qualquer outra forma de ser que não estão em consonância com as suas normalizações. Pode-se pensar com Bourdieu (2017) que a virilidade construída pelos homens, contra a feminilidade, é

uma espécie de medo do feminino. Esse feminino, também expresso por homossexuais, é neutralizado pela estrutura do habitus viril, dominante socialmente. Na esteira de Adichie (2015), é possível dizer que as mudanças tiram as pessoas de suas zonas de conforto, pressupõe os conflitos. No entanto, discussões dessa natureza provocam reflexões que também precisam ser colocadas pela Capoeira, sobretudo por ser uma luta contra a opressão, estimulando outras formas de sociabilidade que contestem as amarras do capitalismo.

Candau e Russo (2010) indicam que, diante de uma Educação, fruto de um processo de homogeneização cultural, que silencia vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades, podem surgir propostas questionadoras. Nessa perspectiva, pode-se pensar na Capoeira, pois se caracteriza como uma das propostas questionadoras do discurso e das práticas eurocêntricas, homogeneizadoras e monoculturais dos processos sociais e educativos, colocando, dessa forma, no cenário público, questões referidas à construção de relações étnico-raciais.

Nesse contexto, a Capoeira se contrapõe ao racismo e às práticas discriminatórias, presentes no cotidiano das sociedades e instituições educativas, promovendo, então, o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais, componentes fundamentais para a promoção de uma educação intercultural. Podemos verificar, por meio da programação das palestras do projeto no ano de 2019, uma proposta de diálogo que se pauta por temas que dão voz ao afro-brasileiro, ressaltam as lutas de minorias, reforçam as memórias locais, identidades e ancestralidade. As vivências no IEFES/UFC se aproximam dos temas propostos para os encontros no CDMAC, apresentados por meio de palestras e debates, pois a prática da Capoeira envolve corporeidade e oralidade em relação com a sociedade, em seu contexto atual.

O Projeto de Extensão Debate com Ginga proporciona aos seus participantes pensar sobre a realidade do tempo presente, acompanhando a dinâmica social e agindo para a transformação da sociedade. Dessa forma, fundamentado em Freire (1996) e na esteira de Keim e Silva (2012), é possível entender a Capoeira como uma cultura libertária, fruto da criação do povo, que se materializa em uma luta para emancipação humana, geradora de autonomia e cidadania participativa para além do capital,

convocando os capoeiristas à construção de outra sociedade, com tolerância e respeito à diversidade.

Considerações

Ficou evidente, com o presente relato de experiência, uma conexão entre as palestras e as *vivências temáticas prático-reflexivas*, no intuito de manter um diálogo com as questões sociais que se apresentam hoje. É possível afirmar, então, que o projeto realiza uma articulação com as demandas que remetem à questão da diversidade cultural e suas variadas facetas, possibilitando confirmar a hipótese levantada de que o projeto se coloca como um espaço de interlocução social, no qual há uma retroalimentação a partir das demandas sociais.

O Projeto Debate com Ginga: as multifaces da Capoeira colabora na formação de capoeiristas e de professores de Educação Física que atuarão na escola e em diversos espaços, levando elementos da cultura afro-brasileira como um suporte para refletir criticamente sobre a sociedade. Nessa perspectiva, entende-se que o projeto colabora para desenvolver sujeitos mais participativos que, além de zelarem pelas memórias, identidades e ancestralidades que permeiam o patrimônio cultural, também acompanham as transformações para um mundo melhor, sem perder de vistas o princípio da dignidade da pessoa humana, além de trazerem a Capoeira para o universo universitário, a partir de uma relação recíproca, realizando um diálogo entre os saberes populares e os conhecimentos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALVES, Bruna Oliveira; TORRES, Aline Lima; BARBOZA, Anna Paula Vieira; BORGES, Leandro Nascimento. Formação de Professores e Prática Pedagógica:

Capoeira na Educação Física Escolar (Capítulo 5). In: CUNHA, Niagara Vieira Soares (et al.). **Diálogos acerca da formação de professores em educação física**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 181-194.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CANDAU, Vera Maria; RUSSO, Kelly. Educação intercultural na América Latina: Uma construção plural, original e complexa. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010.

CASTRO, José Davi Leite; FERREIRA NETO, José Olímpio. Relato e contribuições do Projeto de Extensão da UFC: "Debate com Ginga: as multifaces da Capoeira". **Anais III Congresso de Educação Física Escolar do Ceará – III CONGREF**. Fortaleza, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KEIM, Ernesto Jacob; SILVA, Carlos José. **Capoeira e Educação Pós-Colonial: Ancestralidade, Cosmovisão e Pedagogia Freiriana**. Jundiá: Paco Editorial, 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó, 2019.

SILVA, Robson Carlos da. Educação, Cultura e Escola: A escola de capoeira e as interlocuções possíveis entre o formal e o não formal. In: SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). **Cultura, Sociedade e Educação Brasileira: teceduras e interfaces possíveis**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Os desafios contemporâneos da capoeira. **Revista Textos do Brasil**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2009. (Textos do Brasil, 14: Capoeira) p. 9-19.